

Cidade, trabalho e poesia

Fragmentos da utopia

Assim foi idealizada Brasília, assim Lúcio Costa apresentou seu projeto perante a direção da Comissão Urbanizadora para a realização da Nova Capital: "Ela deve ser concebida não como um simples organismo capaz de conter satisfatoriamente e sem esforço as funções vitais próprias de qualquer cidade moderna, não apenas como urbs, mas sim como civitas, possuidora de todos os atributos inerentes a uma Capital. E, para isso, a primeira condição é conseguir o urbanista que esteja imbuido de uma certa dignidade e nobreza de intenções, já que dessa atitude fundamental advém a harmonia e o sentido de conveniência e medida capazes de conferir ao conjunto projetado o caráter monumental desejado. Monumental, não no sentido de ostentação e sim no sentido de expressão palpável, digamos, consciente de tudo o que vale e significa. Uma cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, porém ao mesmo tempo uma cidade viva e agradável, propícia para o devaneio e o recolhimento intelectual, capaz de transformar-se, com o tempo, além de centro do governo e da administração, em um foco de cultura dos mais significativos e refinados do País".

Dito isto, veremos agora como nasceu, se definiu e resolveu a presente solução:

1 — Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou nele se posiciona: dois eixos que se cruzam em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da Cruz.

2 — Logo, se tratou de adaptá-la à topografia local, à desembocadura natural das águas, à melhor orientação, arqueando para ele um dos eixos a fim de incluí-lo no triângulo equilátero que define a área de urbanização.

3 — E houve o propósito de aplicar os princípios generosos da técnica de camião — inclusive a eliminação dos cruzamentos — à técnica urbanística, proporcionando ao eixo arqueado, correspondente às vias naturais de acesso, a função circulatoria — tronco, com pistas centrais de velocidade e pistas laterais para o tráfego local, e dispondo-se ao largo desse eixo o grosso dos setores residenciais.

4 — Como resultado de dita concentração residencial, os centros cívico e administrativo, o setor cultural, o centro de diversões, o centro desportivo, o setor administrativo municipal, os quartéis, as zonas destinadas ao armazenamento, ao abastecimento e às pequenas indústrias locais e, por fim, a estação ferroviária, foram naturalmente se ordenando e se dispondo ao largo do eixo transversal, que passou assim a ser o eixo monumental do sistema. Aos lados da intersecção dos dois eixos, porém participando funcionalmente e em termos de composição urbanística do eixo monumental, se localizarão o setor bancário e comercial, o

setor de oficinas de empresas e profissionais liberais e ainda os amplos setores do comércio varejista.

5 — O cruzamento desse eixo monumental, de cota inferior, com o eixo viário residencial impôs-se a criação de uma grande plataforma livre do tráfego que não se destine ao estacionamento ali, remanso de onde se concentrou logicamente o centro de diversões da cidade, com os cinemas, os teatros, os restaurantes, etc.

6 — O tráfego destinado aos demais setores prossegue ordenado em um só sentido, na área inferior coberta pela plataforma e enclavada nos dois topos, porém aberta nas faces maiores, área utilizada em grande parte para o estacionamento de veículos e onde se situou a estação viária interurbana, acessível aos passageiros pelo nível superior da plataforma. Unicamente as pistas de velocidade se fundem, porém já subterrâneas, na parte central desse piso inferior que se estende em declive até nivelar-se com a esplanada do setor dos ministérios".

ESPLANADA: UMA TÉCNICA ORIENTAL MILENAR

"Vejam agora como nesta estrutura de circulação ordenada se integram e articulam os vários setores.

Se destacam no conjunto os edifícios destinados aos poderes fundamentais que, sendo em número de três e autônomos, encontram no triângulo equilátero, vinculado à arquitetura da mais remota antiguidade, a forma elementar apropriada para alojá-los. Se criou en-

tao um terrapleno triangular, com um rimbo de pedra à vista, que domina a campina circunvizinha e à qual se chega pela própria rampa da autopista que conduz ao bairro residencial e ao aeroporto. Em cada ângulo de dita praça — que bem poderia chamar-se Praça dos Três Poderes — se situou uma das Casas, ficando as do Governo e do Supremo Tribunal na base, a do Congresso no vértice, com frente igualmente para uma ampla esplanada disposta em um segundo terrapleno, de forma retangular e nível mais alto, de acordo com a topografia local, igualmente sustentado por pedras em toda a sua extensão ou perímetro. A aplicação, em termos atuais, dessa técnica oriental milenar dos terraplenos garante a coesão do conjunto e lhe confere uma ênfase monumental imprevista.

Ao largo da dita esplanada — El Mall, dos navegadores, extenso gramado destinado a pedestres, a paradas e desfiles, foram dispostos os ministérios e autarquias. Os Ministérios de Relações Exteriores e da Justiça ocupando os cantos inferiores, contíguos ao edifício do Congresso, dentro de um marco apropriado, os ministérios militares constituindo uma praça autônoma e os demais ordenados em série — todos previstos com área privada de estacionamento — sendo o último o da Educação (o grifo é meu) a fim de que fique perto do setor cultural, disposto de maneira de um parque, para melhor localização dos museus, da biblioteca, do planetário, das academias, dos institutos, etc., setor este também contíguo à ampla área destinada à Cidade Universitária, com o respectivo Hospital das Clínicas e onde se prevê também a instalação do Observatório.

A Catedral ficou igualmente situada nesta esplanada, porém em uma praça autônoma, disposta lateralmente, não só por questão de protocolo, posto que

PRIMEIRA CRÍTICA

Faz hoje 25 anos que esta cidade-estado abriu seu espaço imenso às novas esperanças que clareavam o céu sempre azul do Planalto Central.

No curso dessa história tão curta, Brasília experimentou, entretanto, mais momentos de angústia e desespero, do que de paz e de tranquilidade. Não apenas no plano político, como igualmente no doutrinário, no institucional, no social, no cultural.

Apesar disso, sobreviveu.

Não foram poucas as tentativas de devolver à orla marítima a sede da administração nacional brasileira.

Nem menores foram os esforços de muitos visando dar-lhe um perfil inautêntico, avesso a sua própria realidade.

Um quarto de século depois da epopeia de sua construção, já é possível, entretanto, avaliar, sem qualquer passionalismo, a grandeza de espírito e a largura de visão dos homens que enfrentaram esse extraordinário desafio. Juscelino Kubitschek de Oliveira à frente deles.

Nunca serão suficientes as palavras de gratidão e de ternura para com esse gigante da História do Brasil, um político com quem mereci o privilégio de conviver e até de criticar e no qual jamais notei o mais leve sinal de censura, de agastamento ou mesmo de tristeza.

Recordo-me como se fosse hoje o dia em que, juntamente com o jornalista André Rezende Marques, reivindiquei um apartamento para viver em Brasília.

Os imóveis, naqueles tempos iniciais, eram deferidos apenas a servidores públicos em mudança. Os jornalistas não participavam do plano de moradia. Mostrei-lhe, então, as dificuldades que experimentávamos. A cidade, uma imensa obra, não oferecia, nesse terreno, recurso algum.

De pé, sem titubear, Juscelino, com aquele permanente sorriso nos lábios, sapouco, de próprio punho, no rosto da petição que lhe entreguei, o despacho: "autorizo", e assinou em baixo. %No GTB, porém, a ordem não foi cumprida.

Volto ao Presidente, o André e eu, e exibimos sua ordem descumprida. Sem perder a calma, nem o eterno ar de felicidade que trazia no rosto, chamou o Coronel da Força Aérea e entregou-lhe o problema, para ser resolvido.

No que foi atendido. Não apenas eu e o André, como todos os demais jornalistas que então já oficiavam em caráter definitivo na capital do país, recebemos, como inquilinos, imóveis onde pudéssemos viver. Juscelino era assim.

E a cidade que ele construiu nasceu com a predestinação de se tornar a sede das grandes decisões nacionais. Deveria ser uma capital

de pequeno porte, própria para gerir a administração nacional em calma, com sossego e meditação.

JK havia trocado a poesia dos regimes autoritários herdados de seus antepassados pela democracia na poesia da construção de Brasília. E todos, estadistas, engenheiros, operários e povo, sentiam-se bem nesse clima de pura confraternidade de espírito.

Seu projeto, que coincidia com as intenções nacionais, era o de dar ao País não apenas uma nova e fulgurante capital, como o capital de um novo e auspicioso empreendimento político.

O destino assim não quis, entretanto.

Não quero ser redundante. Todos têm na memória as dificuldades experimentadas por este País a partir da renúncia de Jânio Quadros, em 61.

Inobstante as contrariedades gerais, as incertezas cada vez mais reais, o desdobramento das crises políticas, o empobrecimento do Brasil e de seu povo, Brasília triunfou. Ninguém contesta mais a excelência da vida e das coisas criadas na cidade artificial mais festejada em todas as partes do mundo. Onde quer que o brasileiro desembarque, constata o ar de surpresa do estrangeiro pelo fenômeno que é Brasília, a cidade criada do nada, como no início do mundo.

E foi aqui, neste agitado

GIVALDO BARBOSA



...para o povo que a deseja e que por ela luta!

A esperança de uma Nova Ordem Social: do povo...

a Igreja é separada do Estado, como também por questão de escala, tendo-se em vista o valor que deve se dar ao monumento e, ainda, principalmente, por outra razão de ordem arquitetônica: a perspectiva de conjunto da esplanada deve continuar desimpedida até mais além da plataforma onde os dois eixos urbanísticos se cruzam."(...)

ERA PRA SER DIVERTIDO

"...se situou então o centro de diversões da cidade (uma mescla em termos adequados de Piccadilly Circus, Time Square e Champs Elysées). A face da plataforma inclinada sobre o setor cultural e a esplanada dos ministérios não foi edificada — excetuando uma eventual casa de chá e da Opera, cujo acesso pode ser tanto pelo próprio setor de diversões como pelo setor cultural contíguo, em plano inferior. Na parte da frente foram concentrados os cinemas e teatros, cuja altura é baixa e uniforme, constituindo, assim, o conjunto de todos eles um corpo arquitetônico contínuo, com galerias, calçadas amplas, terracos e cafés (o grifo é meu), servindo as respectivas fachadas em toda a altura de campo livre para a instalação de letreiros luminosos de propaganda.

As várias casas de espetáculo estarão ligadas entre si por ruas transversais do gênero tradicional da Rua do Ouvidor, das vias verezianas ou de galerias cobertas (arejadas e articuladas a pequenos pátios com bares e cafés e lojas na parte de trás, com vista para o parque, tudo com o propósito de brindar um ambiente adequado para a convivência e a expansão. (...)

"Dos lados deste setor central de diversões, e articulados a ele, se encontram os grandes núcleos destinados exclusivamente ao comércio — lojas e magazines, o das oficinas para profissionais liberais, representações e empresas, onde se situaram, respectivamente, o Banco do Brasil e a sede dos Correios e Telégrafos. (...)"

das quadras, vista sempre em um segundo plano e como se estivesse apagada da paisagem. Esta disposição apresenta a dupla vantagem de garantir a ordenação urbanística ainda quando varie a densidade, a categoria, modelo ou característica arquitetônica dos edifícios, e de oferecer aos moradores extensas faixas sombreadas para passeio e recreação, independentemente das áreas livres previstas no interior das próprias quadras".

(...) A categoria social poderia, facilmente, ser identificada, atribuindo-se maior valor a determinadas quadras (...). E, seja como for, as diferenças de padrão de uma quadra a outra se neutralizarão graças ao próprio agenciamento urbanístico proposto, e não chegarão a afetar o bem estar social a que todos têm direito. Se originário apenas de uma maior ou menor densidade do maior ou menor espaço concedido a cada indivíduo ou família, da seleção dos materiais e do grau de elegância dos retoques. Com este fim, se deve impedir a infiltração de favelas tanto no perímetro urbano como no rural (o grifo é meu). Cabe à Campanha Urbanizadora proporcionar, dentro do esquema proposto, habitações decentes e econômicas para o total da população.

Estão previstos, igualmente, setores isolados rodeados de árvores e campo, destinados à loteação para casas individuais (...) estabelecendo-se como regra, a distância mínima de um quilômetro entre cada casa, o que acentuará o caráter excepcional de tais concessões.

(...) Evitou-se a localização de bairros residenciais nas margens do lago, com o fim de conservá-lo intacto, adornado com bosques e campos de estilo naturalista e rústico para os passeios e distrações bucólicas de toda a população urbana. Unicamente os clubes desportivos, os restaurantes, os lugares de recreio, os banheiros e núcleos de pesca poderão chegar às margens."

EDISIO GOMES DE MATOS

tas, já". Finalmente, ajoelhou-se ante a candura e o espírito conciliatório de Tancredo de Almeida Neves, um aliado do povo na luta pela restauração da democracia no Brasil.

Para isso, repudiou Maluf, o malufismo e as malufetes. Preferiu Juruna, um bisonho mais chegado a roça e a selva, deitando as urgências os tesouros ofertados pelo então candidato do PDS.

Brasília não comemorará porém suas bodas de prata. Aos 25 anos de idade, desaba sobre a cidade o que talvez venha a ser sua mais grave adversidade: a certeza de que o Presidente Tancredo Neves, seguidor de Juscelino Kubitschek de Oliveira, não mais guiará os passos da Nova República, nem ditará os destinos do povo brasileiro.

Essa missão, ao mesmo tempo grave e veneranda, deve ser transferida ao intelectual maranhense José Sarney, antigo líder ude-nista, correligionário de Jânio Quadros, amigo constante de José Aparecido de Oliveira, ex-Presidente do PDS e que votou contra as "diretas já".

Como será Brasília com Sarney?

Ainda é cedo para responder tal indagação. Conquanto tenha sido, no passado, adversário político de JK e de seus amigos, o autor de "Maribondos de Fogo" jamais deu qualquer demonstração de desprezo a esta cidade.

Excetuando o período em que governou o Maranhão, viveu sempre aqui. Foi primeiro deputado, depois senador. Enraizou-se no Planalto Central com uma fazendinha, onde passa os fins de semana.

Sarney é — pode-se dizer — um brasileiro. Além disso, é político experiente e moço. Seu carisma maior não se traduz em qualquer força divina (ou demoníaca). Expressa-se por um exemplar bigode, que é sua marca registrada.

Antes de sua posse — e essa é a única observação que, sobre Brasília, posso registrar dele — estava o Jardim Zoológico, constituindo estas duas imensas áreas verdes, simetricamente dispostas em relação ao eixo monumental, os pulmões da nova cidade.

Se é verdade que Deus escreve certo por caminhos tortos, quem sabe se os aparentemente invios atalhos a serem cumpridos por Sarney não virão a ser os necessários para a renovação nacional. Se nos unirmos todos, inclusive o deputado Saulo Queiroz, em torno desse poeta-presidente, estaremos fazendo não o melhor porém o mínimo necessário a implantação e desenvolvimento do processo democrático prometido pela Nova República. Ita Speratur.

"O setor desportivo, com extensíssima área destinada exclusivamente ao estacionamento de automóveis, se instalou a praça da Municipalidade e a torre radiodifusora, a qual, se prevê, terá uma planta triangular firmada em bases monumentais de concreto adequadas, até o piso dos "estúdios" e outras instalações, elevando-se uma superestrutura metálica com um mirante localizado a média altura. De um lado estará o estádio e suas dependências e ao fundo ficará o Jardim Botânico; do outro lado se situará o Hipódromo com suas respectivas tribunas e vila hípica e, contíguo a este, ficará o Jardim Zoológico, constituindo estas duas imensas áreas verdes, simetricamente dispostas em relação ao eixo monumental, os pulmões da nova cidade."

MORAR E VIVER BEM, COM VERDE E LIBERDADE

"Com respeito ao problema residencial, se chegou à solução de criar uma série contínua de grandes quadras dispostas, em ordem dupla ou simples em ambos os lados da faixa viária, e rodeadas de um largo cinturão de árvores frondosas, árvores de grande tamanho, prevalecendo em cada quadra uma determinada espécie de vegetal, o solo com grama e uma cortina suplementar intermitente de arbustos e folhagem, a fim de resguardar melhor, qualquer que seja a posição do observador, o conteúdo

(...) Resumindo, a solução apresentada é de fácil compreensão, pois se caracteriza por sua sensibilidade de clareza do tratado original, o que não exclui, conforme se viu, a variedade no tratamento das partes, cada qual concebida segundo a natureza peculiar da respectiva função, resultando dali a harmonia de exigências de aparência contraditória. E assim que, sendo monumental, é também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima. E ao mesmo tempo extensa e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional. (...)"

"Brasília, capital aérea e viária; cidade-parque, sonho arquitetônico do Patriarcado. Acredito na dignidade e nas boas intenções de Lúcio Costa, no seu plano e na alma que tentou doar para Brasília. Embora hoje não me importe em que lugar exatamente fique minha cidade ou meu país, embora eu ache melhor lugar nenhum em qualquer lugar, ainda assim reconheço uma poesia imensa. "bucólica e urbana, lírica e funcional" nesta cidade que, através do seu ideal, me habita. Embora haja a realidade de favelas vergonhosas e gigantescas e tudo o mais tenha sido reformulado não para o bem estar da população em geral, mas para o usufruto e propriedade de uns poucos poderosos, ainda assim, danificada, entulhada e cheia de si como urbs, ainda assim vale a pena comemorar seus vinte e cinco anos de existência. XENIA ANTUNES